



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA – DEPSI

THAYLANA DA SILVA PAIVA

**ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL EM PROCESSOS GRUPAIS NO CAMPO
ESCOLAR: uma perspectiva Gestáltica.**

São Luís

2017

THAYLANA DA SILVA PAIVA

**ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL EM PROCESSOS GRUPAIS NO CAMPO ESCOLAR:
uma perspectiva Gestáltica.**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau
de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profª. Ma Wanderlea Nazaré Bandeira
Ferreira.

São Luís

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Paiva, Thaylana da Silva Paiva.

Orientação Profissional em processos grupais para
adolescents: uma perspectiva Gestáltica / Thaylana da
Silva Paiva. - 2017.

50 f.

Orientador(a): Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira.
Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,
Universidade Federal do Maranhão, Curso de Psicologia,
2017.

1. Campo Escolar. 2. Gestaltpedagogia. 3. Gestalt-
terapia. 4. Orientação Profissional. 5. Processo Grupal.
I. Ferreira, Wanderlea Nazaré Bandeira. II. Título.

THAYLANA DA SILVA PAIVA

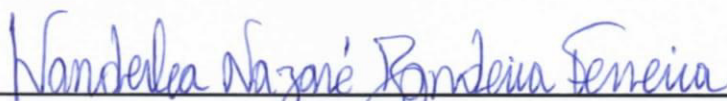
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL EM PROCESSOS GRUPAIS NO CAMPO ESCOLAR:
uma perspectiva Gestáltica.

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau
de Bacharel em Psicologia, com formação em psicólogo.

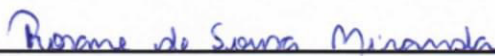
Nota média: 10,0

Aprovada em: 10/01/2018

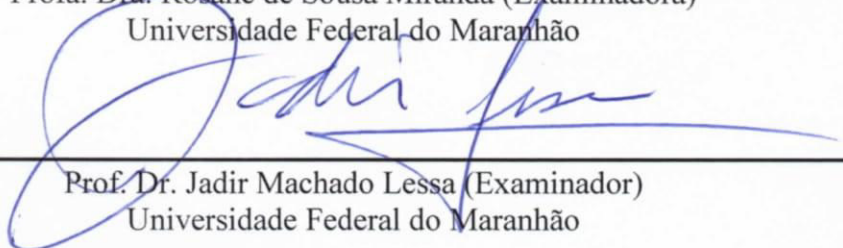
BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Wanderlea Nazare Bandeira Ferreira (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão



Profa. Dra. Rosane de Sousa Miranda (Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão



Prof. Dr. Jadir Machado Lessa (Examinador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba (Suplente)
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por cada dia vivido, por cada dificuldade que já se apresentou e me fez aprender ao refletir sobre o meu posicionamento no mundo, e, sobretudo, sobre ter alcançado uma compreensão mais ampla acerca da relevância da profissão que escolhi para exercer. Agradeço a minha orientadora Profa. Ma. Wanderlea Ferreira, pela sua atenção, disponibilidade, e, sobretudo, por ter confirmado ainda mais o meu interesse pela abordagem Gestáltica.

Agradeço ao meu querido supervisor de estágio Prof. Dr. Jadir Lessa, pelo cuidado, pelos ensinamentos e pela dedicação. Agradeço as minhas companheiras do grupo de estudos em Gestalt-terapia, Juliana Cutrim e Layana Machado por cada reunião que tivemos. Agradeço as funcionárias de operacionais de manutenção e limpeza, Maria, Cira e Dalva pelo carinho, afeto e cuidado nos corredores da Ufma. Agradeço aos meus professores e colegas de turma de todas as disciplinas que cursei pela oportunidade de convívio e aprendizado.

Agradeço aos meus pais, aos meus irmãos, a minha tia e avó pelo incentivo e apoio durante toda a minha vida e ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Agradeço aos meus queridos companheiros de trabalho, aos membros da família Bumba Cultura por permitirem que eu cresça e me desenvolva profissionalmente junto a vocês do modo mais desafiador, gratificante e generoso possível. Agradeço ao meu companheiro de vida, Raul Marques, você é mais do que especial. Sou eternamente grata pelo nosso encontro.

Deste modo, ressalto que todos contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, já que foram e são extremamente importantes por terem me permitido vivenciar os encontros mais enriquecedores tanto afetivamente quanto intelectualmente ao longo da minha graduação.

“O cavaleiro polido ao meu lado perguntou-me o que eu fazia ali, e não tive vontade de lhe contar. Ele continuou sendo cavalheiresco. Eu disse algumas coisas, não me recordo o quê. A Gestalt-terapia entrou na estória, e ele me perguntou o que era. Respondi: ela torna as pessoas responsáveis por si mesmas.”
(BARRY, Stevens, 1902)

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar a Orientação Profissional em processos grupais para adolescentes a partir da atuação do Psicólogo no campo escolar e sob o enfoque Gestáltico. Deste modo, através de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e de cunho fenomenológico propõe-se: apresentar, brevemente, conceitos e teorias do adolecer para a Psicologia; compreender os modos de inserção e regulamentação do Psicólogo no campo escolar e identificar o surgimento das primeiras teorias em Orientação Profissional e da Gestaltpedagogia. Em seguida, propõe-se descrever um programa já realizado sob a perspectiva do trabalho proposto e sugere-se algumas reflexões e ampliações de tal intervenção a partir dos resgates teóricos realizados, e, sobretudo, através da ênfase na Gestaltpedagogia como aliada teórica. Deste modo, considera-se não só que a compreensão pretendida nos objetivos foi alcançada através da interlocução teórica realizada, como também, ressalta-se que são evidenciadas tanto a relevância científica quanto a relevância social deste trabalho ao considerar que a Orientação Profissional para adolescentes em processo grupal e no campo escolar sob a perspectiva Gestáltica pode propiciar que a escolha profissional seja parte de um processo não só de aprendizagem acerca de uma profissão, mas, sobretudo, de crescimento. E, que a atuação no campo escolar, mesmo diante de tantas especificidades consegue direcionar-se à educação como uma aliada na promoção da saúde e da qualidade de vida de alunos mais conhecedores de si mesmos e de suas potencialidades.

Palavras-chave: Orientação Profissional; Campo Escolar; Processo Grupal; Gestaltpedagogia; Abordagem Gestáltica.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the Professional Orientation in group processes for adolescents from the performance of the Psychologist in the school field and under the Gestaltic approach. Thus, through a qualitative, bibliographical and phenomenological research it is proposed: to present, briefly, concepts and theories of the adolescent for Psychology; understand the ways of insertion and regulation of the Psychologist in the school field and identify the emergence of the first theories in Professional Guidance and Gestalt Pedagogy. Next, it is proposed to describe a program already carried out from the perspective of the proposed work and it is suggested some reflections and extensions of such intervention from the theoretical rescues carried out, and, above all, by emphasizing Gestaltpedagogia as a theoretical ally. Thus, it is considered not only that the intended understanding of the objectives was achieved through the theoretical interlocution carried out, but also that the scientific relevance and the social relevance of this work are evidenced, considering that the Professional Orientation for adolescents in group process and in the school field from a Gestalt perspective can allow professional choice to be part of a process of learning not only about a profession but, above all, about growth. And, that the performance in the school field, even in the face of so many specificities, can be directed to education as an ally in the promotion of health and quality of life of students who are more knowledgeable about themselves and their potentialities.

Keywords: Professional Orientation; School Field; Group Process; Gestaltpedagogia; Gestalt Approach.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O ADOLESCER PARA A PSICOLOGIA: ALGUNS CONCEITOS E TEORIAS.....	13
3 A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL (OP) COMO DEMANDA DO PSICÓLOGO NO CAMPO EDUCACIONAL.....	18
3.1 O emergir da atuação em psicologia e das teorias em OP.....	22
4 A ABORDAGEM GESTÁLTICA NO CAMPO ESCOLAR: DA GESTALT-TERAPIA À GESTALTPEDAGOGIA.....	31
4.1 Sobre um programa de op grupal e gestáltico para alunos da Escola pública.....	38
5 METODOLOGIA.....	41
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	43
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Considero que o presente trabalho surgiu do interesse de aprofundar meus conhecimentos acerca da Orientação Profissional para adolescentes em intervenções grupais na escola na perspectiva Gestáltica após minha participação em uma equipe interdisciplinar responsável pela realização de uma semana vocacional (duas horas por dia após o horário de aula) para os alunos do Ensino Médio de uma escola particular de São Luís do Maranhão.

Em tal evento foram utilizadas diversas estratégias para facilitar processo de escolha profissional dos participantes, tais como: jogos teatrais, encenações, dinâmicas de grupo, palestras com profissionais, discussões sobre a importância de cada profissão no mercado laboral atual, dentre outros. No entanto, é necessário considerar que as estratégias não foram as únicas responsáveis pelo modo afetivo, enriquecedor e bem-sucedido no qual este processo se deu.

Ao longo da minha participação busquei contribuir a partir da minha compreensão acerca dos processos de Orientação Profissional (OP), em uma perspectiva Gestáltica por conta da minha identificação com a abordagem. A partir disso ressaltarei a importância de conversarmos com alunos, professores e coordenadores como participantes ativos na elaboração do evento; auxiliarei a contextualizar os jogos teatrais e as dinâmicas de grupo de modo que possibilitassem a ampliação do autoconhecimento a partir das relações estabelecidas não só no campo escolar, como também no campo familiar; conversei com os profissionais participantes da roda de conversa sobre a necessidade de mostrar o lado humano de cada profissão (dificuldades para além da identificação com conteúdos e vantagens do exercício da profissão).

De acordo com Martins (2000) a Orientação Profissional se faz necessária no campo escolar sob a perspectiva Gestáltica denominada em seu projeto de extensão como “Orientação Vital-Vocacional” devido à noção de profissão no modelo capitalista como uma parte integrante do homem, e, sobretudo, por ser algo que lhe determina a posição de um lugar e uma relevância social. A partir de tal configuração social o orientador nesta perspectiva deve possibilitar meios de ampliação de percepção (awareness), favorecer o acesso às informações acerca das profissões; propor reflexões acerca da importância do trabalho e sua função na sociedade; ampliar o autoconhecimento; refletir sobre as interferências no processo de escolha; dentre outros.

Ressalto que tais objetivos são convergentes aos que apresentei durante minha participação no evento, visto que embasei minha contribuição na perspectiva Gestáltica de OP. No entanto, ainda assim percebi algo que não havia sido trabalhado em Martins (2000) estava contribuindo para uma semana vocacional tão integradora: a participação ativa e direta dos

professores, coordenadores e alunos em todo o processo de Orientação Profissional, ou seja, o modo de intervenção grupal não estava restrito ao objetivo de reunir apenas os alunos em uma sala e trabalhar as demandas de um grande número de adolescentes em pouco tempo: o grande diferencial foi como se deu a interdisciplinaridade do projeto, a escola como grupo integrado e atuante na promoção do ensino-aprendizagem acerca da escolha profissional de um modo genuinamente humano e potencializador.

De acordo com Zinker (2007) o grupo está para além de uma comunidade coesa na qual existe um clima agradável e receptivo: trata-se de um espaço no qual as relações permitem crescimento e criatividade e que possibilitem o desenvolvimento máximo das potencialidades humanas. Para este autor o grupo se define como uma comunidade de aprendizagem na qual o processo de aprender implica alteração de comportamentos não só para possibilitar ajustamento ou adaptação, mas, sobretudo, para mobilizar os integrantes a alcançarem níveis mais elevados de ampliação de consciência e de autorrealização.

Durante as intervenções os alunos puderam ampliar seu autoconhecimento e seu aprendizado acerca das profissões através de discussões com os profissionais, professores e coordenadores em uma relação paritária. Ao falar de como se deram suas preferências, foram surgindo encontros cada vez mais afetivos entre todos estes participantes do processo de OP e as polaridades que constituíam incertezas e medo dos adolescentes se integraram cada vez mais através do contato que estabeleceram com a indefinição, a indeterminação e a incompletude humana de cada profissional.

Ao longo do aprofundamento da pesquisa percebi que esta sensação citada acima se relaciona diretamente à discussão proposta por Crestani (2016) ao afirmar que na realidade atual da nossa escola (instituição), estamos preparando nossos alunos para serem lançados no mundo laboral e por isso deverão sair da escola não só com uma bagagem cognitiva e uma postura ética, mas com possibilidades de se constituírem futuramente profissionais bem-sucedidos. E, apenas a idade (17 anos) não será um critério suficientemente rigoroso para definir se o adolescente possui maturidade emocional e cognitiva para escolher uma profissão e muito menos para definir se ele será bem-sucedido na escolha que realizar.

Trata-se, sobretudo, da necessidade de promoção de uma aprendizagem para toda a vida, já que a globalização embasa uma noção de empregabilidade na qual as mudanças são constantes e imprevisíveis. Considera-se que a decisão de uma escolha profissional poderá emergir enquanto figura, uma necessidade a ser satisfeita para o adolescente e que este, sob uma perspectiva Gestáltica só deverá dispor de um meio adequado para se reajustar criativamente e satisfazê-la, visto que se constitui como um ser singular e de campo que possui potencialidades

para se autorregular e que deve ser compreendido a partir de seus modos de existir indissociáveis dos seus campos, de suas relações interpessoais, de suas fronteiras e dos modos como estabelece contato no mundo (BARONCELLI, 2012)

Nota-se a partir de tais considerações que o presente estudo objetiva analisar a Orientação Profissional em processos grupais para adolescentes na escola a partir da atuação do Psicólogo neste campo sob o enfoque Gestáltico. Deste modo, através de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e de cunho fenomenológico propõe-se: apresentar, brevemente, conceitos e teorias do adolecer para a Psicologia; compreender os modos de inserção e regulamentação do Psicólogo no campo escolar e identificar o surgimento das primeiras teorias em Orientação Profissional e da Gestaltpedagogia. Em seguida, propõe-se descrever um programa já realizado sob a perspectiva do trabalho proposto e sugere-se algumas reflexões e ampliações de tal intervenção a partir dos resgates teóricos realizados, e, sobretudo, através da ênfase na Gestaltpedagogia como aliada teórica.

Acredita-se que a relevância científica de tal pesquisa bibliográfica, qualitativa e de cunho fenomenológico consiste na possibilidade de tais interlocuções teóricas embasarem futuras pesquisas no campo da Psicologia Educacional e intervenções de profissionais da Psicologia que almejem atuar no desenvolvimento de uma Orientação Profissional interdisciplinar e condizente com os valores e objetivos que fundamentam as ações das instituições educacionais atuais; auxiliar os adolescentes a vivenciarem cada momento do seu processo de escolha profissional através dos recursos que possui; integrar a Orientação Profissional como uma demanda sua e dos demais participantes deste campo, de modo que consiga alcançar também, mesmo que indiretamente as demais demandas que lhe são atribuídas neste campo.

Nota-se que a relevância social de tal estudo atrela-se diretamente ao que foi exposto como relevância científica, pois consiste na possibilidade de desenvolver a OP não só através do contato com a escolha profissional dos adolescentes, mas, também com suas singularidades, historicidades em movimento e em construção através da participação direta dos demais frequentadores do campo escolar. Deste modo, o psicólogo poderá auxiliar no desenvolvimento e conduzir o processo de OP em um posicionamento mais afetivo, não-diretivo e integrador.

Ainda a este respeito trata-se especificamente de orientar profissionalmente para construir, reconstruir e redescobrir através do grupo envolvido a influência dos demais campos que envolvem as escolhas profissionais através dos modos que os adolescentes se ajustam criativamente e estabelecem suas relações no aqui-agora, possibilitando assim que os participantes possuam uma postura mais saudável, ética e ativa frente aos desafios do mercado de trabalho.

Portanto, considera-se que para tal estudo alcance tais objetivos o presente trabalho está organizado em três seções. Na primeira seção resgata-se alguns conceitos e teorias do adolescer na qual é possível compreender este processo, suas características e o modo como o mesmo foi analisado por estudiosos de diversas abordagens teóricas da Psicologia, inclusive, sobre o processo de adolescer a partir da abordagem Gestáltica.

Na segunda seção discute-se como a Orientação Profissional (OP) se configura como uma demanda do Psicólogo no campo escolar através da compreensão acerca de alguns estudos já realizados, da inserção e regulamentação do Psicólogo na escola e de como surgiram as teorias em OP. Na terceira seção discute-se os possíveis modos de intervenção em OP na atuação do Psicólogo no campo escolar em uma perspectiva Gestáltica através, primeiramente, do resgate teórico acerca da transição entre a Gestalt-terapia e Gestaltpedagogia, e, posteriormente, através da compreensão de um modelo já desenvolvido sob esta perspectiva.

E, por fim, apresenta-se na análise e discussão reflexões que emergiram a partir dos pontos apresentados, sobretudo, acerca da necessidade de um resgate teórico metodológico para que sejam ampliadas efetivamente as possibilidades de intervenção em um OP para adolescentes Grupal, Gestáltica na atuação do Psicólogo no campo escolar e considerações finais acerca do tema proposto.

2 O ADOLESCER PARA A PSICOLOGIA: ALGUNS CONCEITOS E TEORIAS.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) a adolescência é uma fase que compreende o período etário dos 10 aos 19 anos. Tal período é caracterizado por uma transição da infância para a vida adulta, marcada por inúmeras mudanças: físicas, psicológicas, comportamentais, cognitivas, dentre outras. Esta delimitação não se aplica às normas e estatutos que regulamentam os direitos e deveres do adolescente na sociedade brasileira, pois de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) o período da adolescência começa aos 12 e termina aos 18 anos de idade. Estas especificidades na regulamentação relacionam-se aos modos como cada sociedade se constrói e é construída pela noção de adolescência em suas esferas sociais, econômicas, jurídicas, dentre outras.

Através de um breve recorte histórico é possível observar que o conceito de adolescência nem sempre se constituiu como um objeto de estudos e pesquisas nos campos da Psicologia. De acordo com Amaral (2007) a adolescência começou a se tornar alvo de investigações por volta da segunda metade do século XX através do livro “A história social da infância e da família” de Phillippe Ariès (1960), um historiador francês considerado como precursor dos estudos sobre a infância e a adolescência.

No entanto, ainda segundo os estudos de Ariès (1960, apud AMARAL, 2007) tal igualdade começou a ser colocada em questão a partir do século XV. Considera-se que as mudanças ocasionadas pela Revolução Industrial contribuíram, gradativamente, para novos modos de organização e categorização sociais. Inicialmente houve uma separação entre o mundo adulto e o mundo infantil: as crianças foram tiradas do ambiente de trabalho e se tornaram responsabilidade de seus pais. Tais responsáveis deveriam se ocupar do sustento de seus filhos e de lhes assegurar participação nos processos de escolarização.

Nota-se que posterior a tal separação surgiu a necessidade de refletir sobre aqueles que não eram mais crianças, mas que também ainda não eram adultos, sobre uma fase “do entre”, a fase do adolescer. E, mais precisamente a partir da metade do século XIX começaram a surgir inúmeras teorias a respeito do adolescente nos mais diversos campos do saber científico, sobretudo, teorias psicológicas acerca do desenvolvimento humano, suas fases e conceituações teóricas.

De acordo com Ribeiro (2011) as principais teorias psicológicas do desenvolvimento humano compreendem seis (06) perspectivas norteadoras: Biológica (Teoria da Maturação de Arnold Lucius Gesell 1880-1961 e Teoria Etológica de John Bowlby 1907-1990); Psicodinâmica (Teoria Psicossocial de Sigmund Freud 1902-1939; Teoria Psicossocial de Erik Erikson 1902-

1994 e Teoria da Construção do Ego de René A. Spitz 1887-1974); Humanista (Teoria da Auto-regulação de Abraham Maslow 1908-1970, Teoria da Psicologia centrada na pessoa de Carl Rogers 1902-1987); Aprendizagem (Teoria do Behaviorismo de Ivan Pavlov 1849-1936 e de John Watson / 1878-1958, Teoria do Condicionamento Operante de B. F. Skinner 1904-1990 e Teoria do Behaviorismo Social de Albert Bandura 1925; Cognitivo-desenvolvimental (Teoria Construtivista de Jean Piaget 1896-1980 e Teoria da Psicologia da Pessoa Completa de Henri Wallon 1879-1962); Contextual (Teoria Sociocultural de Lev Semionovich Vygotsky 1896-1934 e Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner 1917-2005).

Considera-se que cada autor nos estudos de sua teoria psicológica ao tratar tanto da adolescência quanto das demais etapas do desenvolvimento humano fala do lugar teórico que lhe é possível ocupar diante de seus contextos culturais, econômicos, sociais, dentre outros. O conceito de adolescência, assim como tantos outros conceitos estudados pela Psicologia é mudado constantemente através das transformações nos modos de relação na sociedade. A relevância do contexto e da ausência de uma estabilidade inquestionável foram, inclusive, elementos intensamente valorizados na visão de adolescência de uma das teorias psicológicas acima citadas, norteadas por uma perspectiva Contextual: a Teoria Sociocultural de Lev Semionovich Vygotsky (1896-1934).

A este respeito, considera-se de acordo com Koshino (2011) que a teoria citada acima trata em suas obras da adolescência enquanto fruto de um processo dialético:

unidade psíquica, física, mental, biológica e cultural, unidade essa que foi descrita a partir da relação entre quatro linhas de desenvolvimento, a saber: 1) linha do desenvolvimento dos interesses, 2) do pensamento e da formação de conceitos, 3) das funções psíquicas superiores, 4) da imaginação e criatividade. (KOSHINO, 2011, p.8)

Deste modo, é possível observar que o conceito de adolescente não se delimita em um passar de fases ou em traçar parâmetros de comportamentos mais adequados para a idade do sujeito que adolece, mas, sobretudo, trata-se de compreendê-lo como um sujeito que está constantemente se relacionando com o meio em que vive e que deve ser compreendido em uma perspectiva sistêmica. A este respeito, ainda de acordo com Koshino (2011, p.8) “a ideia de sistema de Vygotsky sobre os fenômenos psicológicos da formação do indivíduo é bastante complexa, pois retrata várias dimensões deste processo, consolidando um avanço em suas investigações, que reafirmam suas ideias a partir de uma perspectiva holística.”

Esta perspectiva holística acerca da adolescência e das suas implicações da Teoria Sociocultural de Vygotsky se relaciona diretamente aos modos de compreensão da adolescência

de outros embasamentos e abordagens teóricas da Psicologia, sobretudo, aos da perspectiva Gestáltica.

Considera-se a partir disso que para que a perspectiva Gestáltica acerca do adolescente seja mais amplamente compreendida se faz necessário elucidar mais especificamente como se deram as influências teóricas dessa abordagem e de como a mesma emergiu no campo da Psicologia. Segundo Burow; Scherpp (1985) seu surgimento ocorreu na metade do século XX através dos estudos do grupo dos sete: Lara Perls, Paul Goodman, Paul Weisz, Iliot Shapiro, Sylvester Eastman, Isadore From, Ralph Hefferline, Jim Simkin e Frederick Salomon Perls, comumente chamado “Fritz Perls” (quem alcunhou a teoria e é considerado o pai da GT).

Fritz Perls nasceu em Berlim, era de origem judaica, formou-se em Medicina, atuou na Psiquiatria, casou-se com Lara Perls e no início de sua formação foi fortemente influenciado pela Psicanálise. Ao longo dos seus estudos começou a refletir e a propor inovações em seus métodos psicoterápicos. A partir das influências da Psicologia da Gestalt, da Teoria Organísmica e da Teoria de Campo de Kurt Lewin, Fritz começou a formular os métodos gestálticos e iniciou a publicação de obras que servem de base para as práticas em Gestalt-terapia até os dias atuais, tais como: *Ego, fome e agressão* (1942); *Gestalt-terapia* (1951); *Gestalt-terapia explicada* (1977); dentre outras.

Como já foi citado a Gestalt-terapia possui como influências teóricas e filosóficas algumas das principais matrizes epistemológicas da Psicologia. E, ao tratar sobre a visão que possui acerca do homem, em seu espaço vital e a partir de tais influências considera-se que o Gestalt-terapeuta irá compreendê-lo, acima de tudo, enquanto um ser humano dotado de responsabilidade, liberdade e potencialidades.

De acordo com Kiyon (2006), pode-se afirmar que o Humanismo é uma concepção filosófica que contribui para o embasamento teórico da Gestalt-terapia a partir da sua noção de homem como centro. Entende-se aqui que se trata tanto para o Humanismo quanto para a Gestalt-terapia de perceber o homem como dotado de potencialidades (possuidor de características singulares e modos de escolher e se posicionar no mundo), como alguém capaz de gerir a sua própria existência que está em constante mudança e reconstrução.

Tal visão de homem será complementada teoricamente pelo conceito de intencionalidade (relação entre consciência-objeto) construído pela fenomenologia, na qual o método fenomenológico permitirá com que a partir das práticas clínicas em Gestalt-terapia, não seja realizada uma busca pelo “porquê” das suas escolhas, mas, sobretudo, possibilitará compreender o homem a partir de sua história de vida e de seu contexto social. Assim como não há

consciência sem objeto e nem objeto sem consciência, o homem não poderá ser compreendido separadamente dos seus “entres” nas suas relações no ambiente familiar, laboral, dentre outros.

Tais considerações acerca das contribuições da fenomenologia para a Gestalt-terapia possuem direta relação com as contribuições que o Existencialismo também fornece para a mesma. Para o Existencialismo Sartreano todo homem, ou seja, todo ser-no-mundo está condenado a ser livre. Liberdade esta que somente poderá ser exercida através das escolhas do próprio homem, pois somente ele será capaz de lidar com sua angústia.

Além das influências teóricas e filosóficas já citadas que constituem a compreensão de homem e de mundo na perspectiva Gestáltica ressalta-se também a dialógica. Tal implicação também foi discutida por Kyian (2006) e tem-se que:

O homem que estabelece uma relação com o outro deve ter uma atitude dialógica, ou seja, uma postura em que a troca, o ouvir e o falar, o perguntar e o responder, o emocionar-se, sejam compartilhados durante toda a relação. Isso não significa que um deva concordar com o outro, mas que cada um inserido nessa relação possa trocar com o outro, acrescentando e sendo acrescentado ao mesmo tempo. (KYIAN, 2006, p.6)

Diante de tal consideração a respeito da dialógica, nota-se ainda que ao tratar da adolescência a partir da perspectiva Gestáltica como um fenômeno singular e de campo Baroncelli (2012) propôs que fossem contestadas algumas conceituações teóricas enrijecidas e naturalizadas acerca do adolescente. Tal contestação foi embasada teoricamente nas interlocuções entre os conceitos propostos na Teoria Sociocultural de Vygostsky e na Gestalt-terapia. Ainda de acordo com a autora tem-se que a abordagem Gestáltica possui:

uma visão de adolescência como um fenômeno global que integra "num todo singular" as diversas forças do *ser-no-campo* e não como mera latência em direção à maturidade [...] dotando a visão de desenvolvimento na Gestalt-terapia de uma perspectiva oposta à idéia de amadurecimento tão comumente adotada pelas abordagens de desenvolvimento. [...]ao conceber o homem como um todo singular em constante transformação na busca de equilíbrio (equilíbrio este ora perturbado, ora recuperado numa articulação entre necessidades e possibilidades no campo) a Gestalt-terapia não pode pensar o ser - na lógica da universalidade - como um projeto inacabado ou imperfeito que viria a se concretizar na fase adulta. (BARONCELLI, 2012, p.3)

Dessa forma, o adolescente não pode ser compreendido, analisado e muito menos orientado profissionalmente separadamente dos seus modos de ser-no-mundo, das suas relações. Além das mudanças aqui citadas, ressalta-se que adolescência tem como marco de finalização a inserção

no mercado de trabalho a partir de diversos ajustamentos criativos que realia. De acordo com Baroncelli (2012, p.03 apud MOREIRA, 2010, p. 24):

Ajustamento criativo significa auto-regulação, abertura ao novo, contato vivo e vitalizante, referindo-se à formação de novas configurações pessoais (ou gestalten) a partir da entrada de novos elementos através da experiência de contato". Portanto, tal processo configura-se como uma expressão do ser-no-campo, no qual as facetas humanas de liberdade (revelado na palavra criativo) e contextualidade (sentido presente na palavra ajustamento) atualizam-se de maneira integrada. (Baroncelli, 2012, p.03 apud MOREIRA, 2010, p. 24)

Deste modo para que seja compreendido o processo de Orientação Profissional realizado em processos grupais com adolescentes e na perspectiva Gestáltica se faz necessário compreender o adolescente em sua totalidade, sua singularidade, historicidade e os contextos nos quais está inserido, tais como: familiar, social, e escolar. Ressalta-se ainda que para compreender como ocorre a OP na atuação do psicólogo escolar e sob estas circunstâncias se faz necessário realizar um novo resgate teórico: como se deu a inserção e a regulamentação do profissional da Psicologia no campo escolar.

3 A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL (OP) COMO UMA DEMANDA DO PSICÓLOGO NO CAMPO EDUCACIONAL:

Nota-se segundo Andrada (2005) que o Psicólogo Escolar é um profissional constantemente requisitado tanto pelos pais dos alunos quanto pelos outros profissionais que atuam no campo escolar atual. No entanto, ainda existem algumas contradições teórico-metodológicas que legitimam algumas visões errôneas e estereotipadas a respeito da função e das possibilidades de trabalho deste profissional. Muitas vezes na realidade atual o Psicólogo Escolar/Educacional ainda se vê convocado e obrigado (por falta de conhecimento, por falta de oportunidade de trabalho ou por inúmeros outros motivos) a retirar o aluno de sala de aula, levá-lo para uma sala, realizar uma “terapia focal-milagrosa” e devolvê-lo devidamente bem comportado para os professores.

Ao longo dos processos de inserção e regulamentação deste profissional no campo escolar as demandas começaram a se ampliar: o psicólogo passou a conquistar espaço não só na atuação com crianças como também com adolescentes ao oferecer diversos tipos de orientação, sobretudo, orientação profissional. A respeito deste momento na vida do aluno, tem-se segundo Matsuoka & Palma (2013) que:

a escolha da profissão deve atender não só às aspirações e às capacidades individuais, mas às condições do mercado de trabalho e às necessidades econômicas da sociedade. A escolha de uma profissão não pode acontecer ao sabor das preferências ilusórias e acidentais. (MATSUOKA & PALMA, 2013, p.59).

Nota-se que tal preocupação com a escolha profissional se desenvolveu e continua a se desenvolver a partir das teorias psicológicas, da atuação do psicólogo e dos campos em que este profissional está inserido. Tais relações são evidentes nos materiais já publicados a respeito das origens desta atuação e das principais teorias que já embasaram as intervenções desenvolvidas no campo educacional.

Ao tratar mais pontualmente sobre os modos de intervenção em OP no contexto educacional atual e a partir da atuação do Psicólogo Escolar, especificamente, a OP exigirá que este profissional atue a partir da possibilidade de lançar um olhar além do educacional para o aluno para percebê-lo enquanto um adolescente em constante processo de crescimento.

A escolha profissional diante do contexto socioeconômico atual não se apresenta como uma escolha fácil e para muitos adolescentes pode resultar em um processo vivenciado com

angústia, ansiedade, incertezas e medo do fracasso. Em alguns casos tais sentimentos e emoções se somam a outras questões e apontam a necessidade de buscar um profissional que consiga atuar para além dos objetivos delimitados no campo escolar, conforme as especificações atribuídas a partir da Resolução N°13/2007 do CFP (Conselho Federal de Psicologia).

E quando o Psicólogo Escolar avalia que os encaminhamentos para outros profissionais não são necessários? Será que existe possibilidade de atuação psicológica no campo escolar na OP sem negligenciar a qualidade de vida do aluno como um todo, em aspectos: educacionais, sociais, afetivos, familiares e relacionados à saúde? De acordo com Martinez (2010, p.2) a OP no campo escolar deve ser fornecida como “um espaço promotor de autoconhecimento, reflexão e elaboração de planos e projetos profissionais.[...] constitui um processo anterior e posterior a esse momento, direcionado para o desenvolvimento de recursos psicológicos importantes.”

Considera-se de acordo com o MEC (Ministério da Educação) que há uma necessidade cada vez mais crescente de propor ensinamentos interessantes, pertencentes aos contextos do adolescente e de tornar a avaliação proposta no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) mais condizente com o conteúdo estudado ao longo dos últimos três anos escolares. Ressalta-se ainda a alteração que antecipa a escolha profissional para o 2º do Ensino Médio. Sendo estes alguns dos embasamentos contribuintes para a ocorrência das reformulações no currículo dos alunos do Ensino Médio.

De acordo com os novos parâmetros e a implementação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que está prevista para ser publicada até 2018 serão classificadas competências e objetivos de aprendizagem nas quatro áreas do conhecimento: linguagens e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias, ciências humanas e sociais aplicadas e ciências da natureza e suas tecnologias.

A partir das novas diretrizes do CNE (Conselho Nacional da Educação) as principais reformulações dizem respeito: à carga horária, ao ensino técnico e às disciplinas obrigatórias, visto que a carga horária total do aluno subiu de 800 para 1,4 mil horas (nos cinco primeiros anos a escola já deverá ofertar 1.000 horas de aula anuais), sendo no máximo 60% desta carga horária total do aluno voltada para a BNCC. O tempo disponível deverá ser direcionado para disciplinas que façam parte da área de interesse do aluno. Quanto ao ensino técnico o aluno poderá escolher por uma formação técnica profissional dentro do seu cumprimento de carga horária do ensino médio regular. Ao concluir o terceiro ano ele estará apto e será certificado tanto no ensino médio como no curso técnico. Considera-se, no entanto, que cada estado e o Distrito Federal terão autonomia na organização de seus currículos.

Quanto às disciplinas obrigatórias, nota-se ainda que além dos componentes curriculares previstos na BNCC, o novo ensino médio prevê a obrigatoriedade das disciplinas de língua portuguesa e de matemática. Ressalta-se ainda a inclusão da língua inglesa, que não era obrigatória segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), mas começará a ser a partir do sexto ano do ensino fundamental. No entanto, no ensino médio, as redes poderão ainda oferecer outras línguas estrangeiras, com prioridade para o espanhol.

A partir de tal esclarecimento a respeito do campo educacional atual outro desafio se apresenta: possibilitar uma OP condizente com as diretrizes curriculares de ensino atuais com tantos adolescentes ao mesmo e em pouco tempo. Segundo Crestani (2016) a juventude atual está sedenta, anseia ser desafiada, e, tais desafios relacionam-se aos seguintes componentes: autorregulação e ampliação da consciência em interação constante; criação do próprio currículo e automotivação. Ao tratar ainda sobre um Modelo de Orientação Profissional na escola privada proposto por tal autora tem-se que as principais etapas do processo são: autoconhecimento, aplicação de testagens e informações sobre os cursos ofertados.

Nota-se ainda que tais etapas são operacionalizadas e diferenciadas de acordo com a série do aluno participantes: para os do 1º e 2º ano do Ensino Médio a OP é ofertada de modo curricular ou enquanto currículo eletivo e para os alunos do 3º ano é ofertada de modo extracurricular e específica apenas para os que ainda possuem dúvidas acerca da escolha profissional. Sendo todas as atividades desenvolvidas ora de modo individual ora de modo grupal, visto que de acordo Zimmerman & Osório (1997, apud CRESTANI, 2016) o campo grupal é permeado pela transparência no desempenho dos papéis sociais dos componentes: papel na família, na escola, no âmbito profissional e etc.

Nota-se que a intervenção em grupo também é trazida no Modelo de Orientação Profissional em Grupo na Escola Pública proposto em Albanese (2016). De acordo com esta proposta influenciada pelo modelo clínico de base psicanalítica de Bohoslavsky (1991) e pelo enfoque sócio construtivista a partir de Ribeiro e Lehman (2011) o processo também se dá de modo extracurricular através de três etapas: observação (atividades que possibilitem ao orientando a reflexão acerca das suas relações); apropriação de um lugar (espaço para ensaiar o exercício da função profissional futura através da conquista da autonomia e na tomada de decisões durante a aprendizagem de convivência com as diferenças) e elaboração/concretização de projetos (elaboração pessoal embasada na análise do passado e do presente para criação de um esboço do futuro). Tais atividades deveriam ainda ser complementadas por atividades envolvendo os pais e os professores dos orientandos.

A partir de tais considerações é possível observar que apesar de serem propostas diferentes nos dois modelos é possível a resposta para tal desafio foi encontrada através de uma OP em processos grupais. De acordo com Pichon-Rivière (1994, apud CARNIEL, 2008):

Através de atividades grupais, os chamados exercícios de dinâmica de grupos ou reflexões sobre temas específicos, são avaliados os integrantes em suas mais diversas manifestações: verbais, corporais, afetivas, inter-relacionais. [...] Os grupos operativos podem e são utilizados nos mais diversos contextos: clínica, escola, empresa, comunidade e nas diferentes instituições, variando, principalmente, com relação à tarefa grupal. Portanto, não são necessariamente de tarefa terapêutica. [...] os grupos operativos atendem basicamente a duas dimensões: aprendizagem e terapêutica. E conclui dizendo que, mesmo privilegiando uma das dimensões, a outra estará presente, uma vez que não concebe a terapia sem a aprendizagem de novas maneiras de existir e nem a aprendizagem sem alguma mudança de caráter terapêutico. Mesmo com estas considerações, a tarefa grupal não precisa ser concebida privilegiando uma e/ou outra dimensão. Estas são intrínsecas ao processo grupal, segundo o referido autor. (RIVIÉRE apud CARNIEL 2008, p.3)

As intervenções grupais pautadas nestas noções de processo grupal e de grupos operativos podem se evidenciar como uma eficiente possibilidade por permitir atender mais adolescentes em menos tempo. Além disso, é possível observar o adolescente em constantes interações nas dinâmicas de grupo, semanas vocacionais, rodas de conversa, grupos operativos sobre profissões, empreendedorismo, dentre outros.

Portanto, a OP para estes adolescentes em intervenções grupais no contexto educacional pode ser uma oportunidade de orientar profissionalmente educacional-terapeuticamente, pois ao ensiná-los mais sobre as profissões e suas funções no mercado de trabalho, as atividades concomitantemente podem minimizar angústias, medos, dentre outros desconfortos e sintomas. Considera-se impossível separar a via educacional da via terapêutica, já que uma possibilita a ampliação da outra.

No entanto, se faz necessário refletir se somente o aporte teórico acerca do processo grupal aqui proposto consegue viabilizar possibilidades educacional-terapêuticas de trabalho para o psicólogo escolar na Orientação Profissional para adolescentes. E, também, sobre a importância da abordagem teórica que embasará a prática do Psicólogo Escolar.

Ressalta-se que para responder tais questões será necessário, primeiramente, especificar como se deu a inserção e a regulamentação deste profissional neste campo de atuação, e, posteriormente, tratar sobre como a Orientação Profissional se constitui como uma das demandas deste profissional a partir do resgate histórico acerca de seus enfoques teóricos.

3.1 O EMERGIR DA ATUAÇÃO EM PSICOLOGIA E DAS TEORIAS EM OP:

De acordo com Pereira & Pereira Neto (2003) o processo de profissionalização da Psicologia no Brasil é e continua sendo constituído por três momentos específicos: período pré-profissional (1833-1890), período de profissionalização (1890/1906-1975) e profissional (1975-). Tais autores embasaram seus estudos na Sociologia das Profissões para caracterizar cada período, seus marcos iniciais e finais baseados não só na criação de instituições, como também em fatos e circunstâncias que participaram dos cenários econômicos, sociais e científicos de cada período que será melhor analisado a seguir.

No início do século XIX, época correspondente ao primeiro período, não existiam práticas profissionais psicológicas. No entanto, era visível e notório o crescente interesse de estudiosos da área médica pelas questões comportamentais e subjetivas do homem. Tal fascínio acarretou a vinculação da Psicologia aos estudos desenvolvidos acerca da higiene mental, psiquiatria forense e neurologia em duas instituições que foram criadas em 1833: as Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, respectivamente.

A influência do campo médico continuou a impulsionar os estudos psicológicos, e, junto aos estudos psicológicos desenvolvidos no campo educacional possibilitou o caminhar da Psicologia em direção ao seu período de profissionalização: processo que engloba tanto a institucionalização quanto a regulamentação das práticas psicológicas e tais processos estarão caracterizados nos marcos a seguir. (PEREIRA & NETO, 2003)

Um dos primeiros elementos que constituem tal importância foi a Reforma Benjamin Constant que implantou em 1890 a disciplina ‘psicologia’ na grade curricular das Escolas Normais do Rio de Janeiro e em 1893 nas Escolas Normais de São Paulo. Após 13 anos, em 1906 foi criado o primeiro Laboratório de Psicologia Experimental no Rio de Janeiro, e, somente em 1931 foi criado o primeiro Laboratório de Psicologia Educacional em São Paulo. Já no Rio de Janeiro, em 1932 o Laboratório da Colônia de Psicopatas foi transformado no Instituto de Psicologia da Secretaria de Estado de Educação e Saúde Pública (primeira escola superior de Psicologia). No entanto, por motivos financeiros tal escola não durou muito e não obteve sucesso, visto que não conseguiu formar nenhum psicólogo. (PEREIRA & NETO, 2003)

Ainda nesse período de profissionalização considera-se importante ressaltar que em 1934 surgiu o primeiro curso de Psicologia Geral na USP (Universidade de São Paulo) e também inúmeras cátedras de Psicologia tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro. Ao longo de tais processos, a necessidade de regulamentar tanto a formação quanto o exercício da função do profissional da Psicologia foi se tornando cada vez mais acentuada.

Diante disso, de acordo com os autores citados acima, em 1946 ocorreu a implantação da Portaria 272 sob o decreto-lei 9092 que começou a traçar os primeiros parâmetros para formalização da formação dos psicólogos ao garantir o título de ‘especialista em psicologia.’ No entanto, uma regulamentação com configuração mais próxima a que é utilizada atualmente, ou seja, como formação em nível superior só começou a ser realmente implantada em 1957 na Pontifícia Universidade Católica (RJ) e através da Lei 3.862 em 1958 na USP.

A partir de tais implantações considera-se que em 1962 foi divulgada a Lei 4.119 que legitimamente regulamentou e continua a regulamentar a profissão de psicólogo. Em 1964 foi implantando o decreto 53.464 que tratava sobre as funções deste profissional. Já em 1966 foi desenvolvido o primeiro curso de pós-graduação em Mestrado para psicólogos. Em 1971 ocorreram dois grandes fatos: o I Encontro Nacional de Psicologia em SP e a criação dos Conselhos Federal e Regional de Psicologia. Já em 1974 surgiu o primeiro curso de Doutorado em Psicologia e em 1975 foi elaborado e implantado o Código de Ética do psicólogo. (PEREIRA & NETO, 2003)

Ainda segundo Pereira & Pereira Neto (2003) o último dos três períodos diz respeito ao momento profissional da Psicologia e não possui um marco final, visto que a Psicologia continua a ser exercida, a transformar e a ser transformada por seus profissionais nos mais diversos âmbitos em que estes se encontram. Tal momento iniciou-se no ano de 1975 em um contexto político brasileiro no qual estava em vigência o regime militar. Ressalta-se também que entre o período de 1970 a 1980 os três principais campos de atuação da Psicologia eram: educação, trabalho e clínica.

A respeito das características socioeconômicas que permeavam tais campos de atuação destacam-se não só as três realizações de um levantamento do Conselho Federal de Psicologia a respeito da profissão, sendo o primeiro realizado em 1988, o segundo em 1994 e o terceiro em 2001, mas, sobretudo, a equivalência entre os resultados dos três estudos acerca da Psicologia como profissão: é exercida em grande parte por mulheres; com profissionais jovens (entre 22 e 30 anos de idade) e mal remunerados. (IDEM)

A partir de tal resgate histórico é possível observar que apesar dos obstáculos a Psicologia alcançou muitas conquistas em pouco tempo. Tais avanços continuam acontecendo e os psicólogos estão se inserindo cada vez mais em áreas para além da clínica. Observa-se de acordo com o Art.3º da Resolução CFP Nº. 013/2007 que:

As especialidades reconhecidas pelo Conselho Federal de Psicologia, para efeito de Concessão e Registro do Título Profissional de Especialista

em Psicologia, são as seguintes: I. Psicologia Escolar/Educacional; II. Psicologia Organizacional e do Trabalho; III. Psicologia de Trânsito; IV. Psicologia Jurídica; V. Psicologia do Esporte; VI. Psicologia Clínica; VII. Psicologia Hospitalar; VIII. Psicopedagogia; IX. Psicomotricidade. (Art.3º, CFP Nº. 013/2007)

Ressalta-se ainda de acordo com esta resolução que cabe especificamente ao Psicólogo Escolar/Educacional as possibilidades de desenvolver as seguintes intervenções:

[...]realizando pesquisas, diagnóstico e intervenção preventiva ou corretiva em grupo e individualmente. Envolve em sua análise e intervenção, todos os segmentos do sistema educacional que participam do processo de ensino- aprendizagem. Nessa tarefa, considera as características do corpo docente, do currículo, das normas da instituição, do material didático, do corpo discente e demais elementos do sistema. Em conjunto com a equipe, colabora com o corpo docente e técnico na elaboração, implantação, avaliação e reformulação de currículos, de projetos pedagógicos, de políticas educacionais e no desenvolvimento de novos procedimentos educacionais. No âmbito administrativo, contribui na análise e intervenção no clima educacional, buscando melhor funcionamento do sistema que resultará na realização dos objetivos educacionais. Participa de programas de orientação profissional com a finalidade de contribuir no processo de escolha da profissão e em questões referentes à adaptação do indivíduo ao trabalho. Analisa as características do indivíduo portador de necessidades especiais para orientar a aplicação de programas especiais de ensino. Realiza seu trabalho em equipe interdisciplinar, integrando seus conhecimentos àqueles dos demais profissionais da educação. (CFP, 2007, p.18)

Observa-se, portanto, que desde o início da sua regulamentação e profissionalização a Psicologia esteve intrinsecamente relacionada ao campo Educacional. De acordo com os órgãos vigentes atualmente a Orientação Profissional se constitui como uma legítima demanda da atuação psicológica neste campo. Para que seja possível compreender melhor como se deu essa legitimação, e, sobretudo, como este tipo de intervenção é necessário para a ampliação do campo de saber científico psicológico se faz necessário realizar mais um resgate histórico, que agora será em busca do surgimento da Orientação Profissional, de suas principais teorias e modos de intervenção.

Nota-se de acordo com Sparta (2003) que a Orientação Profissional possui sua origem intrinsecamente relacionada ao processo de institucionalização, profissionalização e regulamentação da Psicologia. Nota-se que orientar profissionalmente foi uma necessidade que se originou das necessidades de aumentar a produtividade dos operários e de reduzir os riscos de acidentes no contexto industrial europeu no início do século XX.

Para que fosse alcançado tal objetivo o operário passou a ser um objeto de estudos, de pesquisas e de avaliação. A respeito de tal interesse considera-se que no ano de 1902 foi inaugurado o Centro de Orientação de Munique (COP). No entanto, o marco oficial da inclusão das práticas de Orientação Profissional em tais campos relaciona-se ao primeiro COP norte-americano e ao legado teórico de Frank Parsons (1854-1908), o qual foi o responsável pela ideia pioneira de unir os saberes da Psicologia aos saberes da Pedagogia para auxiliar no processo de orientação profissional dos jovens norte-americanos. Esta interlocução foi amplamente aceita pelos estudiosos da área e influenciou até mesmo o marco da Orientação Profissional no contexto brasileiro, visto que, no ano de 1924 foi criado o Serviço de Seleção e Orientação Profissional para os alunos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. (SPARTA, 2003)

Observa-se que tal interlocução entre Psicologia e Pedagogia na OP continuou a ser praticada e foi implantada no contexto educacional brasileiro ainda nas décadas de 1930 a 1940. Tal implantação ocorreu no Rio de Janeiro, mais precisamente na Fundação Getúlio Vargas (FGV) através do ISOP (Instituto de Seleção e Orientação Profissional). Este trabalho surgiu no intuito de possibilitar a ampliação de métodos e técnicas psicológicas de OP no contexto laboral e educacional, visto que a partir do ano de 1942 foram promulgadas leis que tornaram o serviço de OP obrigatório nas escolas de primeiro e segundo grau. (SPARTA, 2003)

Para tratar mais especificamente sobre como se deram esses primeiros estudos e intervenções em Orientação Profissional no campo educacional se faz necessário tratar sobre como surgiu o amplo conjunto de enfoque teóricos dessa prática e de que modos tais embasamentos teóricos começaram a direcionar essa demanda do Profissional da Psicologia neste campo de atuação.

Tem-se de acordo Bock (2002) duas propostas de classificação das teorias da Orientação Profissional. A partir da primeira proposta, elaborada por Crites referenciado em Pimenta (1979) apud BOCK (2002) as primeiras teorias que embasaram as intervenções em OP foram divididas em três grandes blocos: a) não psicológicas, b) psicológicas, e c) teorias gerais, explicitadas a seguir:

- a) As “teorias não psicológicas” compreendem, resumidamente, as escolhas profissionais que o homem não possui nenhum papel ativo na sua inserção no mercado de trabalho, ou seja, a escolha profissional é causada exclusivamente por fatores externos, são estas: teoria do acidente, teoria econômica, teoria cultural e sociológica. Observa-se, no entanto, que tais teorias logo foram ampliadas, pois surgiram as teorias do segundo bloco.

- b) As “teorias psicológicas” analisam os fatores internos como os principais determinantes da escolha profissional. Portanto, a partir desta compreensão teórica o homem passou a exercer um papel parcialmente ativo, visto que as condições sócio-econômica-culturais também exerciam influência na decisão acerca da profissão.
- c) Quanto ao último bloco de teorias proposto nessa primeira classificação de acordo com Bock (2002) as denominadas “teorias gerais” tem-se que estas não buscam formular especificamente uma nova abordagem acerca da escolha profissional, mas propõem uma justaposição entre as teorias anteriormente citadas, visto que compreendem o processo de escolha ora por determinantes psicológicos, ora por aspectos econômicos.

Diante de tais distinções considera-se que nesta parte do trabalho serão brevemente apresentados apenas alguns pontos que abordem mais especificamente as características das “teorias psicológicas” da proposta de divisão citada acima, sendo estas: teoria de traço e fator, teorias psicodinâmicas, teorias desenvolvimentistas e teorias de decisão.

A “teoria de traço e fator” está intrinsecamente relacionada ao uso de testes vocacionais para analisar, mensurar e propor treinamento para as aptidões, habilidades, interesses e traços da personalidade inatos. Tais instrumentos ainda são utilizados por psicólogos e permitem que o orientando consiga escolher uma profissão que esteja condizente com sua personalidade, com suas características internas e inatas. (BOCK, 2002)

Nota-se, no entanto, que a noção de personalidade só foi mais aprofundada a partir dos pressupostos das “teorias psicodinâmicas”. Já que estas compreendem que seja primeiramente necessário entender de que modo se constitui a personalidade do orientando para que então seja possível analisar como seu deu sua aproximação da profissão. As intervenções são pautadas no saber psicanalítico freudiano, mais especificamente na primeira infância e no desenvolvimento afetivo sexual. (BOCK, 2002)

Tais teorias foram amplamente estudadas e utilizadas, no entanto, a partir de 1950 surgiram diversas críticas e novas propostas teóricas que se opuseram à concepção de momento de escolha profissional. A partir dos pressupostos das “teorias desenvolvimentistas” a escolha profissional não poderia ser vista isoladamente do ciclo de vida do homem, neste sentido, considerava que o desenvolvimento vocacional dura a vida toda.

Compreende-se a partir das ideias pioneiras de Ginzberg et al (1976 apud BOCK, 2002) que o desenvolvimento vocacional se dá a partir de três períodos: escolha fantasia (infância até

os onze anos de idade), tentativas de escolha (dos onze aos dezessete anos de idade) e o realista (dezessete anos de idade). Tais teorias buscam compreender através desses estágios como cada pessoa se desenvolveu vocacionalmente e como será possível que tal processo permita o alcance da maturidade vocacional (planejamento e proteção da escolha profissional).

Tal compreensão não faz parte dos pressupostos das últimas teorias deste bloco (teorias psicológicas), as denominadas “teorias decisórias”. Já que para tais enfoques teóricos a racionalidade das escolhas é o elemento fundamental e para atingirem tais objetivos utilizam os saberes da administração de empresas e da economia. Portanto, observa-se que tais teorias não consistem especificamente em teorias de Orientação Profissional, já que buscam elucidar apenas os processos que serão necessários para que a escolha profissional se dê.

Ainda de acordo com Bock (2002) se faz necessário considerar que apesar de buscar integrar os aspectos psicológicos aos enfoques teóricos da OP, a divisão acima proposta ainda continua a se basear em uma relação dicotômica entre homem e meio, sem mencionar que os aspectos psicológicos foram tratados meramente como aspectos resultantes de processo internos. Diante de tais considerações, o autor propõe uma nova divisão a respeito das teorias em OP: teorias tradicionais, teorias críticas e teorias para além da crítica.

A respeito deste primeiro bloco de teorias proposto na nova divisão apontada por Bock (2002) as denominadas “teorias tradicionais” ou de “abordagem liberal” se embasam na noção de uma boa escolha profissional como uma convergência entre o perfil profissional e o perfil pessoal, ou seja, quanto maior for a correspondência entre os dois perfis, maior será a chance de esse profissional construir uma carreira duradoura e de sucesso.

Para que tal perspectiva consiga ser obtida, acredita-se, primordialmente, que o homem ao alcançar determinada idade (transição da adolescência à vida adulta) apresenta uma cristalização de suas aptidões, interesses e traços de personalidade. Portanto, através da mensuração de tais elementos cristalizados é possível estabelecer perfis enrijecidos e praticamente imutáveis em longo prazo que possibilitam comparar as características pessoais e as competências exigidas no exercer de uma profissão.

Nota-se a partir de tais considerações que as intervenções em OP consistem basicamente em possibilitar que o orientando escolha sua profissão através da ampliação do seu autoconhecimento e dos conhecimentos acerca das profissões, seus limites e possibilidades de atuação. Tais ampliações são viabilizadas através da comparação entre o seu perfil pessoal e profissional. Para que tal objetivo seja atingido o orientador poderá utilizar inúmeros instrumentos de avaliação como testes, entrevistas, dramatizações, inventários, dentre outros. E,

portanto, através do manuseio de tais instrumentos o orientador profissional se faz útil e necessário para o processo de escolha profissional do orientando.

Ao discorrer sobre este primeiro bloco é possível observar algumas semelhanças acerca dos embasamentos epistemológicos e classificar, portanto, as “teorias psicológicas” como pertencentes ao grupo das “teorias tradicionais”, visto que todas, independentemente de metodologia utilizam a noção de perfil e fundamentam-se na ideologia liberal. A respeito desta abordagem Bock (2002) esclarece que na visão liberal a escolha profissional e o processo de OP das teorias tradicionais e psicológicas são direcionados com base nos seguintes axiomas: liberdade, individualidade e igualdade de oportunidades. Portanto, um bom processo de OP possibilita que o orientando se desloque socialmente (saia das camadas menos abastadas e ascenda) ao realizar uma escolha profissional de sucesso.

No entanto, o mesmo autor esclarece que essa visão liberal foi intensamente criticada no território brasileiro, sobretudo, entre as décadas de 1970 a 1980, período em que surgiram as “teorias críticas”. Tratar sobre esse grupo é imprescindível, visto que, o autor começa a especificar a importância e os modos como foram se constituindo os processos de OP no campo educacional a partir do papel da escola nos contextos sociais, econômicos e políticos desta época.

Neste contexto histórico do final do século XX o Brasil vivia sob o regime político e socioeconômico militar que produziu uma nítida divisão na sociedade científica da época: integrantes da direita (a favor do regime) e os integrantes da esquerda (opositores). Os teóricos esquerdistas afirmaram que a escola era apenas um aparelho ideológico utilizado na transmissão de valores e crenças da classe dominante no intuito de manter o status quo e continuar a oprimir a classe menos abastada. (BOCK, 2002)

Nota-se de acordo com Cunha (1977 apud BOCK, 2002) que a escola propagada pela teoria liberal e pela política educacional era de um lugar que proporcionaria a equalização das oportunidades e uma possibilidade de corrigir as imperfeições, distorções causadas pelo sistema capitalista. No entanto, o que acontecia era justamente o contrário, pois a escola além de não corrigir ainda impulsionava a noção de que era dever único e exclusivo do aluno ser um cidadão bem sucedido perante sua sociedade.

Observa-se que para simplificar tal afirmação o autor citado acima elencou cinco elementos que apontaram tais falhas: as oportunidades de escolarização eram nitidamente desiguais; havia desigualdade na qualidade do ensino; a visão inatista acerca das aptidões é incorreta, visto que estas são frutos da educação e da qualidade de vida; as aptidões privilegiavam características de pessoas que pertenciam a uma classe com mais qualidade de vida, mais educação, mais

alimentação, maior desenvolvimento psicofisiológico e negligenciava as aptidões das classes trabalhadoras; e, portanto, culpar o fracasso escolar por questões meramente intelectivas era uma tentativa de dissimular a realidade.

Discorre-se a respeito mais especificamente das teorias em OP que de acordo com Ferretti (1988) apud Bock (2002) a sociedade da época definitivamente não oferecia condições iguais para todos os orientandos, que a liberdade de escolha era ilusória e a individualidade com base nos critérios estabelecidos para categorizá-la também era questionável.

Já para Pimenta (1979) apud Bock (2002) havia ainda um visão reducionista acerca da escolha profissional, visto que esta era analisada apenas quanto aos aspectos psicológicos. A autora referida observou a necessidade de enxergar o orientando como um todo e não apenas como a soma das partes de algumas ciências, fossem elas psicológicas ou não.

Tem-se ainda a este respeito a partir de Patto (1991) apud Bock (2002) que o problema não estava somente nos processos e intervenções da OP no campo educacional, mas nas ciências da Psicologia e da Pedagogia que se apoiavam na perspectiva liberal. E, para Bohoslavsky (1977) apud Bock (2002) o problema é que havia certa fragilidade acerca da visão de indivíduo na abordagem tradicional que não só apenas era obtido a partir de instrumentos psicométricos como também relacionava-se a uma necessidade de construção de diagnósticos.

Observa-se, portanto, que a visão crítica evidencia e condena a visão ideológica da OP tradicional e até então tida como psicológica. De acordo com este enfoque teórico o orientador deveria ser um facilitador no processo de desenvolvimento de potencialidades de seu orientando.

Apesar de apontar de modo eficaz e teoricamente produtivo as teorias críticas não conseguiram delimitar modos de como superar a falsa dicotomia entre indivíduo e sociedade. Tal objetivo possibilitou que surgissem as componentes do último bloco proposto por Bock (2002), as denominadas teorias para além da crítica (abordagem sócio histórica). O autor introduz este enfoque teórico ao afirmar que se faz necessário avançar na compreensão da relação que se estabelece entre indivíduo-sociedade a partir da perspectiva dialética, visão na qual o homem simultaneamente se constitui e é constituído pela sociedade.

Nota-se de acordo com algumas conceituações teóricas acerca das obras de Vygotsky (principal representante do enfoque proposto) que não há conflito entre individual e social, pois através da linguagem o homem constitui uma “personalidade social” que é permeável, intra-subjetiva que o permite também constituir o meio no qual está inserido. (Bock, 2002)

Discorre-se a partir de Ana Bock (1999 apud BOCK, 2002) ao pautar-se na visão marxista de que a consciência não determina a vida, mas a vida determina a consciência, são apresentados cinco pontos específicos da abordagem sócio histórica: a ideia de existência

humana é um equívoco; existe condição humana; o homem deve ser visto na perspectiva de um ser ativo, social e histórico; o homem cria o próprio homem e o homem em sua totalidade é o objeto da Psicologia.

Tal afirmação continua a ser discorrida e a partir de Vygostsky (1994 apud BOCK, 2002) se faz possível afirmar que um processo interpessoal se faz intrapessoal através da relação dialética entre pensamento e linguagem a qual possibilitaria uma internalização de atividades socialmente arraigadas e desenvolvidas historicamente. Tal movimento seria o grande ápice que evidenciaria a Psicologia animal da Psicologia humana.

A partir de tais considerações é possível concluir através de Aguiar & Bock (1995 apud BOCK, 2002) que o papel da OP é promover saúde através da ampliação de consciência dos orientandos acerca de suas relações sociais e das realidades que os cercam. Observa-se que o autor foi minucioso ao articular diversos autores e ao descrever sua nova proposta de divisão de teorias em OP, no entanto, considera-se necessário discorrer a respeito de mais um enfoque teórico acerca de OP no campo educacional que se propõe a compreender o orientando em sua totalidade: o enfoque Gestáltico.

Nota-se ainda que tal enfoque não busca a compreensão acerca das relações entre indivíduo-sociedade através das suas finalidades, mas através da descrição do “como” estes elementos constitutivamente inseparáveis se relacionam, dos seus “entres”. E, portanto, também se constitui como um enfoque teórico no campo educacional e para além da crítica. Para que isso seja mais especificamente explanado se faz necessário que entre em campo neste ponto do trabalho proposto algumas considerações acerca do modo como a perspectiva Gestáltica começou a ser integrada no campo educacional.

4 A ABORDAGEM GESTÁLTICA NO CAMPO ESCOLAR: DA GESTALT-TERAPIA À GESTALTPEDAGOGIA.

Como já foi citado, o psiquiatra e psicoterapeuta alemão Frederick Salomon Perls (1893-1970) foi considerado o pai da Gestalt-terapia. Desde a metade do século XX até o final deste século Perls organizou seminários e workshops que permitissem aos participantes vivenciar as ideias e os princípios Gestálticos construídos por ele ao longo de suas práticas psicoterapêuticas.

Através da leitura da obra “Gestalt-terapia explicada” (1969) observa-se como um dos primeiros conceitos a maturação em relação intrínseca com o processo de crescimento de cada pessoa. Processo este que pode ser potencializado ou não, de acordo com as escolhas e os caminhos que a pessoa faz ininterruptamente ao longo de sua vida. Considera-se que todos os homens são compostos por partes, por papéis que são desempenhados nas relações sociais, por exemplo, um mesmo homem pode ser considerado: pai, filho, marido, tio, professor, paciente, dentre outros.

Nota-se que tais considerações acerca da maturação estão intrinsecamente relacionadas aos conceitos básicos que caracterizam a concepção de ser humano para a Gestalt-terapia, sendo estes: self-support, totalidade e integração, contato/ limite de contato e fronteiras de contato, percepção, consciência e aqui-agora. (BUROW & SCHERPP, 1985).

Quanto ao conceito de self-support considera-se na perspectiva Gestáltica que o homem dispõe de todos os recursos necessários para enfrentar as adversidades da vida, no entanto será necessário que amplie sua consciência acerca dessas potencialidades. Deste modo, a terapia sob esta perspectiva objetiva auxiliar o homem a lidar com sua carência de self-support, ou seja, facilitar o acesso aos recursos que lhe são constitutivos e que lhe auxiliarão resolver tanto seus problemas atuais quanto os futuros. (BUROW & SCHERPP, 1985).

De acordo com Perls (1969 apud BUROW & SCHERPP, 1985) o processo de desenvolvimento de self-support é iniciado desde os primeiros encontros nos quais o objetivo principal deve ser auxiliar o cliente a perceber claramente quais são as suas necessidades, visto que ao aprender a reconhecer suas necessidades o cliente poderá aprender como satisfazê-las. Tal processo de aprendizagem continuará a ser desenvolvido ao longo das sessões através de ações, experimentos, na expressão de sentimentos reprimidos e em discussão direta com o grupo.

Já os conceitos de totalidade e integração relacionam-se diretamente à concepção básica desta perspectiva do ser humano como um todo, sendo a totalidade sinônima de unidade, estrutura, entidade, figura e Gestalt, como Gestalt fechada e como a totalidade retirada do meio

(fundo). Quanto à integração considera-se que se torna o objetivo da Gestalt-terapia sempre que fica evidente a ausência de totalidade nos modos de existir do cliente, e, sobretudo, nos casos em que tal ausência gerar problemas e contribuir para a divisão do cliente (torná-lo apenas uma soma de partes desconectadas). (Perls, 1969)

A partir de tal compreensão as noções totalidade e integração deverão ser compreendidas através da elucidação de características constitutivas do ser humano sob este enfoque. O homem como unidade de corpo-alma-mente, enquanto partes inter-relacionadas numa influência recíproca, inseparáveis e contribuintes para a manutenção do equilíbrio e do processo homeostático de autorregulação consegue interagir através com o meio através dos seus modos sentir-pensar-agir e se manter saudável. (BUROW & SCHERPP, 1985)

O homem como unidade de passado, presente e futuro derivada da concepção holística temporal desta perspectiva consegue a partir do presente transformar seu passado e seu futuro. Já o homem como unidade de processos de aceitação e modificação possui possibilidades de acessar autoencontros e autorrealizações na terapia ao se permitir e aceitar sentimentos negativos como diretrizes do seu caminho e não os tratar como perturbações alheias a si mesmo.

Quanto ao homem como unidade determinante e determinado considera-se que o cliente sempre estará relacionado ao seu meio, se construindo com e a partir dele, e, portanto não poderá ser considerado determinado, mas multideterminado. Ligada a tais considerações encontra-se a responsabilidade da Gestalt-terapia em compreender sempre o problema como algo individual e social. Tais considerações se relacionam ainda à última característica listada: o homem como unidade indivíduo-meio. (BUROW & SCHERPP, 1985)

A partir de tal concepção a consciência do cliente acerca de sua dependência-independência dos outros nas relações interpessoais permite que o mesmo assuma compromissos sociais sem rejeitar sua independência pessoal, assim como a sua consciência acerca de sua dependência-independência em relação à sociedade permite que ele alcance seus objetivos ao se compreender como um organismo multideterminado por suas relações nos mais diversos campos em que está inserido.

Ressalta-se que não se trata apenas de considerar a inserção do cliente nos seus campos, mas de compreender como ele entra em contato e quais fronteiras são delineadas em cada interação com o meio. A respeito do limite no qual o homem e meio se tocam a Gestalt-terapia define como limite de contato. Em tal processo, considera-se ideal a ocorrência de um intercâmbio dinâmico, afetivo e vivo entre homem e meio. Há, portanto, o limite relacionado ao contato físico (sentidos e órgãos) e o relacionado ao psíquico (por exemplo, desejo de ser acariciado).

A respeito do contato tem-se que ocorrem em três níveis humanos: cognitivo, emocional e comportamental. Trata primariamente da percepção e da aceitação/rejeição das novidades compreensíveis, processado em seus limites como órgãos das relações entre o organismo e meio. De acordo com Perls (1976 apud BUROW & SCHERPP, 1985) o contato não é algo classificável como bom ou ruim, assim como sua recusa. A relação dialética entre aceitação e repúdio é a função mais importante de toda a personalidade. E tal afirmação deve ser mais amplamente descrita através da influência da percepção, da consciência e do aqui-agora nestes processos.

O processo de percepção consiste em um constante emergir e desconstruir de Gestalts, apesar da existência de certa repetição na dinâmica entre figura/Gestalt e fundo, no qual a figura consiste no que possui mais relevância no momento., e fundo o que dá contorno à figura. Já o estar consciente se relaciona aos três níveis de consciência: interno (autopercepção), externo (percepção acerca das outras pessoas e meio) e mediação (permeado pelas fantasias, projeções e mecanismos de defesa que auxiliam na evitação do contato com a realidade). E, através da ênfase no aqui-agora o cliente poderá viver no presente do modo mais perceptivo e consciente possível e tal posicionamento já se configura por si só como algo curativo.

Observa-se que para possibilitar uma construção a respeito dos modos de pensar e compreender o processo psicoterapêutico na Gestalt-terapia se faz necessário tratar sobre como tais conceitos teóricos se aplicam nos princípios e métodos desta abordagem psicológica. Ainda segundo Burow & Scherpp (1985) os princípios Gestálticos constituem as consequências práticas dos conceitos teóricos e uma base para as diretrizes de condução do processo pelo terapeuta e para o alcance dos objetivos traçados pelo cliente. Consideram-se princípios centrais: princípio do aqui-agora; princípio da concentração sobre o contato; princípio do estímulo à consciência (ampliação da consciência, awareness); princípio do estímulo ao self-support; princípio da responsabilidade; princípio do aprendizado pela experiência; princípio da Gestalt fechada e princípio da espontaneidade.

Nota-se ainda que tais conceitos e princípios são ainda mais operacionalizados nos métodos Gestálticos, sendo estes: experimento, viagem-fantasia; identificação e feedback. Observa-se ainda de acordo com Burow & Scherpp (1985) que tais construções teóricas foram extremamente importantes para a constituição da Gestalt-terapia como uma abordagem clínica da Psicologia. No entanto, ao longo do seu desenvolvimento a perspectiva Gestáltica passou a ser utilizada também em enfoques político-pedagógicos, sobretudo, através da contribuição teórica de Paul Goodman (1911 -1972).

. Ressalta-se que Paul Goodman foi uma espécie de precursor ao relacionar os conceitos construídos ao longo do legado de Fritz aos questionamentos político-pedagógicos que realizava na sociedade de sua época. Goodman nasceu em 1911 em Nova York, iniciou seus estudos em literatura em 1931 na Universidade de Chicago e assim que se formou já passou a atuar como professor nesta mesma instituição. No entanto, em 1940 foi demitido por conta de seus comportamentos indevidos, questionadores e por conta de ser homossexual.

Nota-se que se passaram quase 20 anos para que Goodman pudesse se inserir novamente no mercado trabalho, mas por volta de 1960 ele não só voltou a escrever árduas críticas contra a pobreza, as desigualdades de direitos, o sistema educacional e sócio-político vigentes como também passou a organizar e a liderar movimentos ativistas por essas causas. Tem-se mais especificamente a respeito das críticas dirigidas ao sistema educacional americano que a escola deveria ser totalmente abolida, pois apenas servia para emburrecer e enfraquecer os jovens tornando-os dependentes. Tais instituições deveriam ser substituídas por escolas livres.

Com o passar dos anos tais críticas continuaram a ser desenvolvidas e a perspectiva gestáltica passou se integrar cada vez mais ao campo educacional, sobretudo, pela crescente preocupação em aliar o trabalho pedagógico ao crescimento pessoal dos alunos, originando assim a Gestaltpedagogia que se constitui como um termo que abrange conceitos pedagógicos orientados por ideias teórico-práticas da Gestaltpsicologia e da Gestalt-terapia. (Burow & Scherpp, 1985)

Nota-se que a preocupação acerca do crescimento do aluno se apresenta desde os objetivos educacionais e valores Gestaltpedagógicos. A partir disso tem-se que o professor deve possuir clareza acerca não só de seus objetivos e sistema de valores pessoais como também deve perceber claramente as dimensões cognitiva, afetiva e social de seus ensinamentos. Nesta perspectiva não existem teorias ou ciências sem valores. E, tais valores influenciam diretamente na relação de interdependência dos objetivos, meios e conteúdos da Gestaltpedagogia.

Tem-se mais especificamente a respeito dos objetivos Gestaltpedagógicos que são suposições básicas oriundas dos conceitos e princípios da Gestalt-Terapia e da Psicologia Humanista, tais como: integração de partes perdidas da personalidade, autorealização, desenvolvimento do potencial humano como um todo, crescimento pessoal, foco no aqui-agora, ou seja, serão focalizadas e trabalhadas as questões que se expressam no tempo presente, mesmo que tenham ocorrido no passado ou que sejam apenas fantasias de um futuro que ainda não aconteceu, dentre outros. Além das suposições também são levadas em consideração algumas suposições mais especificamente antropológicas, sendo estas: todo ser humano é digno de confiança e carrega em si um enorme potencial de possibilidades de crescer ao ser ativo e mudar

a si mesmo e ao seu meio como um ser social, exigindo assim a necessidade de ser compreendido em sua totalidade. (BUROW & SCHERPP, 1985)

Observa-se que tais objetivos convergem de modo a possibilitar que o aluno forme as próprias capacidades e habilidades ao sentir e realizar os próprios potenciais ao libertar-se de bloqueios que o paralisam, o tolhem existencialmente. Deste modo, ressalta-se que sob esta perspectiva a escola será um lugar de: conhecer e reconhecer interesses objetivos e subjetivos; relações produtivas renovadas ininterruptamente; engajamento social; autonomia pessoal; capacidade de vivência e sensibilidade; integração de disciplina e espontaneidade; dentre outros. (BUROW & SCHERPP, 1985)

Considera-se que ao propor tais objetivos é realizada claramente uma oposição aos modos de funcionamento tradicionais da instituição escolar. A respeito das principais críticas dirigidas ressaltam-se algumas sugestões acerca de transformações na estrutura do sistema educacional vigente e uma proposta de instituição escolar sob a perspectiva Gestaltpedagógica. Sob esta perspectiva “escola” é sinônimo de “pequenas e descentralizadas instituições” para possibilitar o contato mais direto possível entre seus frequentadores e a aprendizagem autodirigida, ou seja, que inclua ao máximo os interesses dos alunos que escolhem suas tarefas e são tão ativos quanto os demais funcionários da escola no processo de ensino-aprendizagem.

Tal aprendizagem autodirigida continua a ser desenvolvida na proposta de uso de blocos de matérias relacionadas entre si e ao cotidiano do aluno e na escola como um campo de integração constante (cognitivo, emocional, físico e social). Já a falta de disciplina não será vista como algo fora do campo, mas como algo para dirigir e ser trabalhada ao ser englobada na aprendizagem. Desta forma os professores precisam se posicionar como seres humanos inteiros e não apenas como um cargo ou uma função. (BUROW & SCHERPP, 1985)

Ainda a respeito do posicionamento do professor nota-se que a Gestaltpedagogia exige um comportamento diferenciado de tal profissional, visto que ao se relacionar com seus alunos deve compreendê-los como seres humanos dotados de singularidade e historicidade, e, sobretudo, como uma possibilidade de estabelecerem aprendizagens mútuas. Tal posicionamento será embasado em algumas práticas implementadas em suas vivências diárias com os alunos, como: a convergência entre o que é verbalizado e praticado em sala de aula; a utilização do “eu” no lugar de “a gente” e da frustração amigável para mostrar ao aluno que é capaz de fazer cada tarefa que lhe cabe; tornar claro a dinâmica da “figura-fundo” ao mostrar que cada necessidade que emergiu no campo enquanto figura possui um fundo, ou seja, possui um contexto e deverá ser de alguma forma satisfeita. (BUROW & SCHERPP, 1985)

Considera-se que focalizar somente no professor não contribuirá para o alcance dos objetivos Gestaltpedagógicos, por isso, além de propor um comportamento diferenciado do professor é também proposto o ensino como modo de desenvolvimento da personalidade do aluno. A partir disso observa-se que o aluno será sempre compreendido sob a perspectiva indissociável de indivíduo-meio; estimulado a manter contato direto com os demais frequentadores do campo escolar e a ocupar uma posição de horizontalidade (igual importância) nessas relações; seu ensino será desenvolvido a partir de suas necessidades e serão propostas estratégias de ensino-aprendizagem especificamente vivenciais.

Ainda de acordo com os autores acima nota-se que tal perspectiva teórica permite que sejam abordados tanto objetivos tradicionais da escola quanto novos objetivos que se apresentem conforme as características de cada geração de alunos, sobretudo, pela ênfase ao grupo como uma fértil e integradora possibilidade de intervenção neste campo através da participação ativa de todos os frequentadores deste campo.

Entende-se que apesar de Perls (1969) ter ressaltado desde o início de sua atuação que a prática psicoterapêutica individual havia se tornado obsoleta e de enfatizar que seus trabalhos eram sempre desenvolvidos em grupos, não havia uma participação ativa do grupo como um todo. De acordo com Zinker (2007) Perls ensinava a Gestalt-terapia a cada participante de grupo, um de cada vez e enquanto eram trabalhadas as demandas daquele participante os demais não se envolviam ativamente dos trabalhos, se posicionavam enquanto espectadores encantados com a destreza de suas habilidades. Deste modo, não havia um nítido interesse pelo processo grupal em si. Tal funcionamento continuou a ser utilizado nos trabalhos de vários Gestalt-terapeutas e foi elucidado através do sistema roda quebrada de carroça.

Tem-se a respeito desse sistema que sua força motriz reside na possibilidade de terapeuta e cliente experienciar uma espécie de suporte comunitário, ou seja, de usufruírem de uma energia positiva e facilitadora do processo. No entanto, alguns Gestalt-terapeutas atuais afirmam que esse funcionamento não permite, em alguns casos, que ideias, sentimentos e talentos de todos os integrantes do grupo sejam integrados e utilizados em um processo criativo em prol de todo grupo, em um processo grupal.

Nota-se segundo Burow & Scherpp (1985) que o processo grupal em si precisa ser enfatizado sempre, visto que através da participação dos componentes do grupo ao longo do desenvolvimento das intervenções dirigidas às demandas individuais os participantes poderão perceber que seus problemas não são tão estranhos ou insolucionáveis, são aceitáveis. Através do empenho individual é possibilitado o surgimento de um clima de confiança e franqueza, já que a

participação e a resolução dos problemas de outro integrantes possibilita uma compreensão mais ampla acerca de si e dos outros.

Segundo Zinker (2007) o processo grupal na perspectiva Gestáltica apresenta 4 princípios básicos: primazia da experiência grupal em andamento (toda ação grupal é potencialmente importante); processo de desenvolvimento da awareness grupal (queixas e temas compartilhados para além das awarenesses individuais); relevância do contato ativo entre todos os integrantes (contato experienciado nas singularidades, diferenças e semelhanças através da intensificação do encontro entre os membros) e o uso de experimentos interativos, possibilitado por um líder ativamente envolvido (estimula no grupo comportamentos experimentais e modificação intencional do processo através de seus próprios comportamentos).

Nota-se que em tal resgate ficaram evidentes pontos convergentes e divergentes acerca da utilização desta mesma perspectiva na atuação do profissional da Psicologia em campos diferentes. Considera-se que para que seja possível observar de que modo as especificidades do campo escolar foram e continuam sendo englobadas na OP enquanto uma demanda do Psicólogo neste campo e sob a perspectiva Gestáltica será apresentado um programa de OP escolar, grupal e Gestáltica realizado com alunos do Ensino Médio da rede pública de várias escolas do estado brasileiro Espírito Santo.

4.1 SOBRE UM PROGRAMA DE OP GRUPAL E GESTÁLTICO PARA ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA:

De acordo com Martins (2000) a profissão se constitui como um modo de inserção no modelo capitalista de sociedade. Deste modo a escolha profissional passa a ser considerada algo que norteará toda a vida futura homem, ou seja, a profissão passa não só a ser parte integrante do homem como também a ser a parte que lhe imprime um lugar e uma relevância no meio social.

Nota-se, no entanto, que as inclinações profissionais não são inatas, ao contrário, são permeadas por preconceitos, fantasias e falsas elaborações acerca das perspectivas futuras sendo intensamente influenciadas nas esferas da família, da escola, pelos meios de comunicação, na cultura, pelas condições socioeconômicas e etc. Na maioria das vezes a escolha profissional se dá durante a adolescência e na fase de conclusão do Ensino Médio. No entanto, nem sempre acontece tal processo ocorre de modo tranquilo, visto que por vezes os fatores citados acima se relacionam ao surgimento de conflitos que resultam na impotência do adolescente frente à tomada de decisão. (CRESTANI, 2016)

Diante de tais considerações se fez necessária a atuação de um Orientador Vocacional para auxiliar na redução de tensões durante o processo de escolha profissional, assim como para facilitar ao orientando o exame de si mesmo, a estar mais consciente diante da situação que enfrenta a partir de procedimentos psicológicos adequados, e, sobretudo, ao possibilitar que o adolescente faça sua própria escolha a partir de seus valores, desejos e aspirações. Já que somente o próprio adolescente pode ter a percepção mais efetiva acerca do que acontece, coube ao orientador propiciar um processo de crescimento no indivíduo através do contato com seus conflitos ao vê-los por si mesmo. Tal modo de orientar foi denominado como Orientação Vital, na qual a orientação vocacional é parte integrante do processo de orientação. (Martins, 2000)

A partir disso o trabalho de Orientação Vital-Vocacional fundamentado na prática Gestalt-terapêutica buscou desenvolver assim como na terapia o auto suporte do orientando para favorecer tanto a escolha profissional quanto a resolução de qualquer outro contexto conflitivo de escolha através de uma sistemática de orientação para além dos moldes exclusivamente psicométricos, visto que propõe o desenvolvimento da percepção e do contato acerca de si e do mundo.

Deste modo o objetivo geral deste programa consistiu em possibilitar aos alunos do Ensino Médio das escolas da rede pública da Grande Vitória uma Orientação Vital-Vocacional que auxiliasse na escolha profissional, no posicionamento frente ao mercado de trabalho e à vida como um todo através de melhores condições de percepção (awareness), contato e informações

sobre as profissões de modo gratuito e, também, possibilitar enriquecimento à formação dos extensionistas participantes (estudantes de psicologia).

Quanto aos objetivos específicos, ressaltam-se: propor reflexões acerca das profissões, dos fatores que interferem na escolha, da situação atual do mercado, da importância do trabalho e sua função na sociedade e das habilidades exigidas; desenvolver autoconhecimento (características, interesses pessoais e aptidões), percepção (awareness) e contato. Quanto aos sujeitos considera-se que foram aceitos alunos matriculados do Ensino Médio da rede pública (municipal, estadual ou federal) da Grande Vitória independente da faixa etária dos mesmos, porém, tendo em vista o critério de ordem de chegada no preenchimentos das fichas de inscrição e o alcance máximo de 30 alunos atendidos por mês.

Quanto aos instrumentos ressaltam-se: a realização de vivências de cunho fenomenológico, de entrevistas individuais, de dramatizações, de dinâmicas de grupo, de experimentos embasados na Gestalt-terapia e de testes psicológicos (Kuder, Angelini, WArtegg, HTP, Palográfico e testes de aptidão). A respeito dos procedimentos notam-se: a realização de treinamento com os extensionistas; divulgação periódica do projeto nas escolas da rede pública da região; inscrição dos interessados no programa e elaboração de grupos com 10 alunos de acordo com a ordem de chegada e entrega da ficha de inscrição; o estabelecimento do cronograma dos encontros (1 por semana, durante 4 semanas consecutivas e com duração de aproximadamente 4 horas orientado duplas de extensionistas)

No primeiro encontro foram realizadas entrevistas individuais para o estabelecimento de um primeiro contato e aplicados os seguintes testes: Kuder; Angelini; Wartegg; HTP; Palográfico e testes de aptidão. No segundo encontro foram realizados aquecimentos, dinâmicas, dramatizações, experimentos, pesquisas no Guia do Estudante para propor discussões e questionamentos sobre as profissões e os interesses por cada uma delas. (Martins, 2000)

Ainda acerca dos encontros, observa-se que no terceiro foi mais amplamente trabalhado o autoconhecimento através de outras dinâmicas que auxiliaram os alunos a entrarem em contato consigo mesmos, inclusive, ao falarem suas impressões acerca da importância na participação no grupo. No quarto e último encontro ocorreu a entrega dos laudos psicológico, elaborados individual e coletivamente com o decorrer do programa. Tais laudos foram comentados pelos participantes e em alguns grupos (mais integrados e entrosados) foram realizadas ainda dinâmicas de confraternização e despedida.

A respeito da discussão e conclusão o autor proposto ressalta que ao final do processo de Orientação Vital-Vocacional os alunos se mostraram mais instrumentalizados para realizar a escolha profissional, mais confiantes, mais embasados teoricamente a respeito das profissões e

do mercado de trabalho e mais apropriados de suas relações, de seus modos de sentir, pensar e agir frente às demais escolhas que fará na vida. O autor considera ainda a realização de tal programa enquanto uma tarefa desafiadora, sobretudo, por conta realidade escolar precária e sua intrínseca relação com a desinformação dos estudantes. No entanto, afirma que foi e continua a ser possível de ser realizada através do suporte ao adolescente no processo de amadurecer seu sonho ao avaliar todas as questões envolvidas em sua escolha profissional.

5 METODOLOGIA

Segundo Marconi; Lakatos (2003) a pesquisa consiste em um procedimento formal dotado de uma metodologia de pensamento reflexivo que exige um tratamento científico e que objetiva alcançar meios de conhecer a realidade ou descobertas parciais acerca da verdade. Deste modo, considera-se que o presente estudo busca analisar através de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e de cunho fenomenológico a Orientação Profissional em processos grupais para adolescentes no campo escolar.

Ressalta-se que a escolha por tal tema surgiu de algumas reflexões pós-participação em uma semana vocacional e foi motivada pelo interesse em entender de modo mais amplo e rigoroso teoricamente como se dá a integração dos conceitos e princípios desta abordagem aos modos de orientar profissionalmente do profissional que se embasa nesta perspectiva e especificamente neste campo. A partir disso considera-se que para que tal interesse consiga ser integrado ao estudo e o proposto seja alcançado será realizada uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e de cunho fenomenológico.

A respeito da escolha pela pesquisa qualitativa neste trabalho ressalta-se que ao tratar sobre a subjetividade e seus complexos processos de constituição esta abordagem de pesquisa não objetiva alcançar predição, descrição ou controle. E, mais precisamente sobre os estudos dos determinantes qualitativos nas pesquisas em psicologia tem-se que objetivam elucidar processos que não são acessíveis à experiência, ou seja, não são processos passíveis de experimentação, por se constituírem nas inter-relações humanas dinâmicas e complexas e exigirem estudo integral. Deste modo, não é possível definir a pesquisa qualitativa instrumentalmente, somente epistemologicamente e teoricamente através da história e do contexto que singularizam o desenvolvimento do sujeito, enquanto expressão de riqueza e plasticidade do fenômeno subjetivo. (REY, 2005)

A partir de tais considerações ressalta-se ainda segundo o autor proposto que no presente trabalho todos os elementos que possibilitaram a compreensão acerca dos processos de Orientação Profissional para adolescentes Grupal, Gestáltica e no campo escolar foram analisados qualitativamente, ou seja, foram integrados e relacionados a partir de materiais já publicados. Tal configuração se deu através de uma revisão bibliográfica que possibilitará a concretização de uma pesquisa voltada para a produção de conhecimentos e não para preenchimento de dados.

Segundo Marconi; Lakatos (2003) a pesquisa bibliográfica se apresenta em 8 etapas, sendo estas: escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação; redação. Como já foi citado o interesse surgiu após algumas vivências obtidas em uma semana vocacional na escola que se desdobrou na presente pesquisa, sendo esta iniciada através da definição do problema, dos objetivos, direcionado por um cronograma que incluía tanto o levantamento de dados (artigos, livros e periódicos) quanto fichamentos a respeito de: alguns conceitos e teorias do adolescer para a psicologia; inserção e regulamentação do psicólogo no campo escolar; origem das principais teorias em Orientação Profissional; origem, conceito e princípios da Gestalt-terapia e da Gestaltpedagogia; relatos de programas de orientação profissional na escola pública e privada; relatos de programas de Orientação Profissional em grupo na escola e partir da abordagem Gestáltica.

Nota-se ainda que tal pesquisa embasa-se artigos, livros, periódicos e resoluções. Observa-se que tais materiais possibilitaram a redação dos capítulos que compõem o presente trabalho, sendo estes: o adolescer para a psicologia: alguns conceitos e teorias; orientação profissional (OP) como uma demanda do psicólogo no campo educacional; o emergir da atuação em psicologia e das teorias em op; abordagem gestáltica no campo escolar: da Gestalt-terapia à Gestaltpedagogia; sobre um programa de OP grupal e Gestáltico para alunos da escola pública.

Nota-se que através das interlocuções entre os resgates históricos e a descrição de um programa já realizado nos capítulos descritos e compreendidos a partir do método fenomenológico em pesquisa psicológica objetivou-se aproximar-se do fenômeno pesquisado de modo que não só fosse possível discutir sobre os modos como se dão as intervenções em OP grupal e escolar na atuação do psicólogo que utiliza a abordagem Gestáltica através da descrição de programa já realizado nestas diretrizes, mas, sobretudo, de modo que fosse possível refletir sobre as práticas já realizadas e ampliar tais intervenções nesta atuação e neste campo específico em uma atuação que integra educação para a vida à promoção de saúde.

Ressalta-se ainda que tal pesquisa surgiu de inquietações diante da participação em atividades relacionadas à Orientação Profissional em processos grupais para adolescentes no campo escolar. Inquietações relacionadas, sobretudo, por compreender que este processo está para além do ensino de informações acerca de uma profissão e que ao ser embasado na abordagem Gestáltica oferece ampliação de autoconhecimento, de criatividade e de crescimento. Tais aspectos se relacionam diretamente ao cunho fenomenológico no qual esta pesquisa se embasa.

Observa-se segundo Forghieri (2002) que através da redução fenomenológica é possível retornar ao mundo da vida tal qual se dá antes mesmo de ser interpretado por pré-conceitos ou sistemas filosóficos e acessar a experiência vivida e refletir profundamente desta em busca da essência do conhecimento constituído no próprio existir humano. Para que isto seja possível o pesquisador deverá iniciar sua pesquisa através de uma reflexão acerca de sua própria vivência e para o significado desta em sua existência.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Como já foi citado ao longo deste trabalho a escolha profissional se apresenta como um momento decisivo no processo de transição entre a adolescência e a vida adulta. Ao longo dos anos, as diversas teorias e abordagens da Psicologia se ocuparam de analisar o processo do adolescer através de seus conceitos. Ao tratar mais especificamente a respeito da abordagem Gestáltica concebe-se o adolescer enquanto um fenômeno singular e de campo, ou seja, atuar para compreender o adolescente significa compreendê-lo diante suas relações, seus sentimentos, suas angústias. Trata-se de concebê-lo enquanto sujeito em constante construção, dotado de singularidade e historicidade. (BARONCELLI, 2012)

Além das considerações a respeito da abordagem, ressalta-se que a presente pesquisa se direciona especificamente para a atuação sob esta perspectiva no campo escolar. Ao longo dos resgates realizados observa-se que, historicamente, a Orientação Profissional está intrinsecamente relacionada à Educação e ao processo de institucionalização e regulamentação da Psicologia. Tal integração gradativamente passou a ser caracterizada pelo surgimento e pela utilização de diversas teorias de OP. Ressalta-se ainda que com o passar dos anos a Orientação Profissional (OP) foi oficialmente classificada como uma possível demanda do Psicólogo Escolar/Educacional.

Segundo Baroncelli (2012) o orientador profissional que se embasa na abordagem Gestáltica se posiciona na tênue e indissociável fronteira entre escolha e liberdade. Deste modo, em uma atuação sob esta perspectiva não é possível polarizar o foco da intervenção nas questões individuais sem considerar a interpenetração destas com as demais questões acerca da existência e dos contextos do orientando na formação de um todo multifacetado e único.

Ao materializar tais concepções ao longo das etapas da OP, compreende-se que o processo de escolha profissional de um orientando que pretende ser enfermeiro, por exemplo, pode ter se dado em meio a: ideias fantasiosas intrínsecas a sua história pessoal; padrões inflexíveis e não-saudáveis de ações e decisões; identificações com estereótipos; falta de informações acerca da profissão; rejeição de outras profissões por medo de desemprego ou de não ser aprovado; dentre outras circunstâncias. E, a partir da integração de todos estes aspectos somente será possível orientar profissionalmente a partir da perspectiva de escolha-individual-no-meio. (Baroncelli, 2012)

Ao analisar o programa de OP proposto em Martins (2000) é possível observar que os conceitos e princípios da Gestalt-terapia embasaram todas as etapas do processo de orientação: ampliações de awareness, contato e informações acerca das profissões (propostos no objetivo geral do programa); nos objetivos específicos foram propostas atividades voltadas para reflexão acerca do trabalho, do autoconhecimento e da escolha profissional; quanto aos instrumentos observa-se que até mesmo a aplicação dos testes psicológicos foi englobada ao processo e não possibilitou uma visão reduzida acerca dos participantes; quanto aos encontros ficou nítido o interesse em trabalhar as questões dos adolescentes acerca da escolha profissional através da intervenção grupal para que fosse possível observá-los em interação.

A partir de tais considerações entende-se, portanto, que o modelo apresentado foi direcionado pela perspectiva de escolha-individual-no-meio e que alcançou os objetivos propostos, visto que no final dos encontros os orientandos se mostraram mais aptos e instrumentalizados (ampliação de awareness, contato, informações e autoconhecimento) não só para a tomada de decisão a respeito da profissão, como também para as demais escolhas que farão na vida. E, que tal processo se apresentou como um desafio diante da realidade escolar precária, sobretudo, por ser um programa voltado para alunos de escolas da rede pública de ensino brasileira.

A respeito disso Bastos (2005) apud Baroncelli (2012) analisa que a OP, bem como a Psicologia tem sido historicamente utilizada e reformulada apenas considerando a realidade de jovens pertencentes às famílias de classes médias e altas da sociedade. A partir disso, nota-se que propor um programa que atendeu estudantes de escolas de rede pública apesar de ter sido uma tarefa desafiadora foi uma pertinente contribuição para a ampliação das práticas da Psicologia e da Educação.

Entende-se ainda segundo Baroncelli (2012) que estudar sobre o mundo de trabalho atual a partir de seus aspectos político-econômicos em relação indissociável com a realidade de jovens e adultos brasileiros em seus contextos a partir de obstáculos e oportunidades em suas vivências faz parte da formação de um orientador profissional Gestáltico de modo tão relevante quanto o seu domínio e compreensão acerca da teoria e metodologia desta abordagem.

No entanto, considera-se ainda que apesar de compreender o modelo como uma tentativa de ofertar uma OP grupal a alunos de escolas públicas não houve um resgate teórico-metodológico necessário para que todas as possibilidades de ampliar tanto as práticas da Psicologia quanto da Educação fossem efetivamente viabilizadas pela perspectiva Gestáltica. Ressalta-se que em Martins (2000) a interlocução teórica realizada entre a abordagem Gestáltica e a Orientação Profissional se dá apenas a partir das semelhanças entre a modalidade clínica de

Bohoslavsky e a Gestalt-terapia. Nota-se que não se objetiva propor uma atuação mediante um clinicismo.

Nota-se que o campo escolar possui especificidades que devem ser integradas e que podem ser viabilizadas, sobretudo, através de ações condizentes com as mudanças propostas nas Leis e Diretrizes Básicas da Educação na atualidade (ênfase nas competências), e, mais especificamente na atuação embasada na abordagem Gestáltica pelo retorno à Gestaltpedagogia (uso de princípios e conceitos Gestálticos no campo escolar).

Ao resgatar teoricamente como se deu o processo de surgimento e constituição da Gestaltpedagogia evidenciam-se possíveis estratégias de integrar a perspectiva Gestáltica aos objetivos de Orientar Profissionalmente atualmente neste campo, deste modo e sob esta perspectiva, tais como: noção de grupo para a abordagem Gestáltica (para além da ação de reunir pessoas); ênfase no processo de ensino-aprendizagem através de relações humanas diretas; aluno e professor são motivados a desenvolverem e integrarem sua personalidade; aprendizagem condizente com interesses; integração dos processos cognitivos, emocionais e físicos, dentre outros.

Ressalta-se ainda a atuação em OP através de um retorno teórico à Gestaltpedagogia observa-se que as estratégias Gestaltpedagógicas podem configurar-se não só como possibilidades de atuação em OP do psicólogo individualmente, em um posicionamento de agente mobilizador da educação e da promoção da saúde como também na atuação como agente promotor do processo grupal ao envolver ativamente todos os frequentadores da escola, como alunos, pais, professores e funcionários, sobretudo, a partir da compreensão de que a escolha profissional, bem como o desenvolvimento humano dos alunos não podem ser possibilitados de modo independente do desenvolvimento dos demais frequentadores deste campo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, portanto, que foi possível analisar a Orientação Profissional em processos grupais para adolescentes a partir da atuação do Psicólogo no campo escolar e sob o enfoque Gestáltico. Visto que, através da pesquisa qualitativa, bibliográfica e de cunho fenomenológico proposto possibilitou-se: apresentar, brevemente, conceitos e teorias do adolescer para a Psicologia; compreender os modos de inserção e regulamentação do Psicólogo no campo escolar e identificar o surgimento das primeiras teorias em Orientação Profissional e da Gestaltpedagogia. E, posteriormente, descrever mais especificamente tal atividade no campo e enfoque propostos através não só da apresentação de um programa de OP já realizado, como também através das reflexões e sugestões de ampliações de tal intervenção a partir dos resgates anteriormente realizados. Sendo, por fim, todos os pontos interligados e relacionados entre si.

Deste modo, nota-se não só que a compreensão pretendida nos objetivos foi alcançada através da interlocução teórica realizada, como também, evidencia-se a relevância deste trabalho ao considerar que a Orientação Profissional para adolescentes em processo grupal e no campo escolar sob a perspectiva Gestáltica pode propiciar que a escolha profissional seja parte de um processo não só de aprendizagem acerca de uma profissão, mas, sobretudo, de crescimento.

Conclui-se que a atuação do psicólogo(a) no campo escolar, mesmo diante de tantas especificidades pode direcionar-se à educação como uma aliada na promoção da saúde e da qualidade de vida de alunos mais conhecedores de si mesmos, de suas potencialidades, e, conseqüentemente, profissionais mais bem sucedidos. E, sobretudo, que tais resultados serão mais amplamente verificados e ampliados futuramente a partir de uma pesquisa de campo e de intervenções nesta área de atuação.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Vera Lúcia. **A Psicologia da Adolescência**. Natal, RN: EDUFRN, 2007.

ANDRADA, Edla Grisard Caldeira. **Focos de Intervenção em Psicologia Escolar**. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)* vol.9 no.1 Campinas, 2005

BARONCELLI, Lauane. **Orientação profissional na abordagem gestáltica: reflexões históricas para uma práxis fundamentada**. *Revista IGT na Rede*, V.9, Nº 16, 2012, Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/ISSN1807-2526>.

_____. **Adolescência: fenômeno singular e de campo**. *Rev. abordagem gestalt.* vol.18 no.2, Goiânia, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200009

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BUROW; Olaf-Axel; SCHERPP; Burow Karlheinz. **Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação**. Summus, 1985.

CARNIEL, I. C. **Possíveis intervenções e avaliações em grupos operativos**. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo* Jul.-Dez. 2008, Vol. 9, No. 2.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Legislação. Resoluções**. Disponível em: <<http://www.pol.org.br/legislação>>

FORGHIERI, Y.C. **Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, Método e Pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 1993.

KOSHINO, Ila Leão Ayres. Vigotski: **Desenvolvimento do Adolescente sob a Perspectiva do Materialismo Histórico e Dialético**. 133p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

KYIAN, A. M. M. **E a Gestalt emerge: vida e obra de Frederick Perls**. São Paulo: Altana, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEVENFUS, Rosane S. **Orientação Vocacional e de Carreira em Contextos Clínicos e Educativos**. Artmed, São Paulo, 2016.

MATSUOKA; E.G.B; PALMA; R.C.B; **A orientação profissional na escola: um diálogo necessário.** Docência na Educação Superior, 2013

MARTINEZ, Albertina Mitjás. **O que pode fazer o psicólogo na escola?** Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, mar. 2010.

MARTINS, Antonio Elmo de Oliveira. **Quem você vai ser quando crescer? Uma nova proposta de Orientação Vocacional.** Revista do VI Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica, p 99-104, 2000.

REY, Fernando Luiz Gonzalez. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios.** São Paulo, Cengage Learning, 2011

RIBEIRO, Mônica Cintrão França. **Teorias Psicológicas do Desenvolvimento.** Acesso:http://unipvirtual.com.br/material/2011/licenciatura/teorias_psic_des/unid_1.pdf

SPARTA, M. **O desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil.** Revista Brasileira de Orientação Profissional, 4(1/2), p. 1-11, 2003.

ZINKER, Joseph. **Processo criativo em Gestalt-terapia.** São Paulo, Summus Editorial, 2007.